

EDEN-TEATRO
HOJE--A maravilhosa revista--HOJEA BATALHA
no Porto

A obra da P. S. E. -- Os presos, depois de três semanas de perseguição, são restituídos à Liberdade -- A comédia é finita!

Reabriu o Parlamento após o perío-
do das férias da Páscoa.

PORTO, 30. -- Terminou a comédia.
E' o termo mais adequado que se pode
encontrar para abrir esta informação.
O caso das bombas na Igreja do Bom
fim, no tribunal, no consulado espanhol,
no quiosque da Trindade não foi, des-
vez, o suficiente para a P. S. E. aniquilar
os camaradas perseguidos. E' que
era verdade, a intriga, o *complot* po-
lítico combinado contra as suas vítimas
estava destinado, por sua natureza, a
ser retumbante e insucessuoso. E' certo que
M. Marques afirmou à imprensa, mui-
to misteriosamente, que possuía muitas
provas, uma infinitade tal que en-
cheriam um processo complicado de
centenas de páginas, semelhante de vol-
umes. Havia provas dum vasto *complot* anar-
quista-sindicalista-bolchevista, com in-
úmeras ramifications nos países: provas em
como Ferreira Torres aconselhou jo-
vens sindicalistas a deitar bombas à
cidadela, de preferência às igrejas,
prová-las em como Luís Carvalho tinha
alguma relação com a morte de major
Nogueira; provas em como Antônio
Coelho tinha um plano de destruição d'
Iusa-pátria e dos capitalistas; provas em
como os jovens possuíam um arsenal de
pelados e outras máquinas infernais, e
em como pertenciam a grupos revolu-
cionários e secretos; provas em como a
guerra aberta era eminentemente re-
volucionária. Por cima de tudo isto, tui-
nhas revelações importantíssimas feitas
pelo desgraçado bombista morto
a tiros.

Pois apesar de tantas provas e de
tantos crimes sociais averiguados, e de-
pois de três semanas e pico, o volume de
48 horas de segredo impostas ao
Jovens sindicalistas e de mais de 15 dias
de mais absoluta incomunicabilidade
presentados a três das vítimas -- os
nosso camaradas foram restituídos à
liberdade, desprunciados, por falta de
provas...

Eis como se procede nesta República
democrática: sempre arbitrariamente,
por capricho, por vingança, por sport,
por palpite. E o caso é que esta democra-
cia lusa não exite viabilidade
de se exigir uma justa indemnização
dos prejuízos causados por aqueles que
se divertem a abusar da sua situação
autoritária, levando o desassossego e a
ruina aos que, infelizmente, já não vi-
vem nababicamente e à custa de es-
pilações e expedientes...

Enfim, a comédia é finita... provan-
do-se que tudo quanto dissemos era
a expressão da verdade. Tratava-
se dum mistério, que tinha por fim a jus-
tificação de perseguições acintosas.

Até outra vez... --

A Comissão Administrativa da Li-
ga das Artes de Víacio Portuense, ac-
tonar conhecimento na sua reunião ordi-
nária, de que o seu camarada Luis A.
de Carvalho foi restituído à liberdade,
acusado de implicado nos acontecimen-
tos de que foi vítima o referido major
Nogueira, resolvem exarar na acta um
voto de congratulação, interpretando
o sentido de toda a classe. Foi, segundo
uma nota oficiosa da mesma comissão
administrativa, por se provar, depois
duma enclausuração de muitos dias,
que fundadamente e insidiosa era
a acusação que lhe moviam.

Luis Carvalho, tanto ao ser levado
para a prisão, como ao ser conduzido
à direcção da P. S. E. a interrogações,
ia sempre, por ordem imperiosa, na
fruta dos agentes, que impunhavam
ameaçadoramente, as pistolas...

Que medo e que farça... -- C.

Festas de Solidariedade

A comissão nomenada na Federação de
Construção Civil para levar à prática um
festival com o fim de custerar as despesas
com o andamento do processo de Arsenio
José Filipe, que importa 5000 contos, acorreu
com a sua delegação da comissão
resposta, e depois daquela quinzena re-
união, e paga as respectivas despesas, c
executando reverta a favor de todos os pre-
sos, por questões sociais.

O festival realiza-se no dia 24 do corrente
na Associação dos Criados da Mesa
estando a parte socializada da mesma
acordada com a parte industrial, que responde
a 500 contos, que, em face da lei 992, não
podem receber pensões de sangue, e
remete para a mesa um projeto de lei
lhe dando autorização a aplicá-las a
que tem direito.

O sr. Pais Roviso (popular) requere
que o negócio urgente do sr. Homem
Cristo seja generalizado.

O sr. presidente do governo (Bernardino
Machado) responde ao sr. Homem
Cristo que todos os dias se distribuem
manifestos contra o governo e contra
as instituições. Condena todos os ata-
ques clandestinos ao poder executivo.

Castigará, com severidade, todos os
autores desses panfletos -- aí a liberdade
de pensamento -- assim que o governo
tenha de conhecimento. Quanto ao
acto ocorrido na G. N. R., o governo
não pode mandar proceder a todos os
inquéritos, quando assim o entenda.

Não concorre que dentro do exercito e
da guarda nacional se faça política
partidária.

O sr. Vitorino Guimarães (leader-de-
mocrático) vota contra a generalização,
visto não estar ainda concluída a sindi-
cância.

O sr. Sá Cardoso (leader dos recon-
stituintes) vota de igual forma.

O sr. Pais Roviso (popular) em vista
das declarações do sr. Bernardino Ma-
chado e dos leaders, retira o seu reque-
rimento, e transforma-o num negócio
urgente para tratar da escritura publi-
cada n.º 4 de Avelo.

O sr. ministro da guerra (Alvaro de
Castro) dando explicações sobre o caso
diz que a questão foi entregue a um
conselho de disciplina que deve definir
o que é preciso e o que é desnecessário.

Estamos daqui a ver a ação habitual
dos conselhos disciplinares.

O sr. António Granjo (leader-liberal)
declara que a questão está entregue a um
conselho de disciplina que deve definir
o que é preciso e o que é desnecessário.

O sr. Vasco Borges (leader dissidente)
que deve evitar que se imiscua a
política neste debate. Entende que a
ação da justiça não deve ser protelada.

O sr. José de Almeida (leader social-
ista) dá o seu voto ao negócio urgente
por entender que se trata de uma ques-
tão de moralidade.

Hoje há espectáculo.

Acúcar colonial
O vapor hondurenho Alfa traz da Beira 2000
toneladas de açúcar para Lisboa.

• O Comitê France-Portugal encarregou o
seu secretário geral, sr. Martinet, de pre-
parar um estrelamento de relações da-
quele Comitê com o Comitê Portugal-Fran-
ça para que este possa ter estado no nosso
país. O fim da sua estada -- trazido pelo desen-
volvimento das relações intelectuais e eco-
nómicas entre os dois países.

No próximo mês de Maio o Comitê Fran-
ça-Portugal enviará a Lisboa uma delega-
ção que vem estudar as questões que inter-
essam os dois países.

• Devido à importância do assunto, roga-
se a comparsa de todos os seus delega-
dos.

Hoje há espectáculo.

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•